

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

O DISCURSO AMBIENTAL NA POESIA DA AMAZÔNIA

Carla Nobreⁱ (UNIFAP)

RESUMO:

Neste trabalho apresenta-se um estudo de base descritiva com análise literária que tem por objetivo discutir a presença de um discurso ambiental na produção poética da Amazônia. Os poemas utilizados são de Eliakin Rufino, Thiago de Mello, Manuel Bispo Correa, Carla Nobre e Aracy Mont'Alverne; Marcos Quinan e Juraci Siqueira. A pesquisa fundamenta-se nas vozes de Bachelard (1988), Moisés (1993), Boff (1999) e Loureiro (1995). Pesquisar o discurso ambiental em uma área que atua no imaginário das pessoas –a literatura- é de fundamental importância para que se possa vislumbrar cenários possíveis para reinventar nossas falas sobre sustentabilidade e consciência ambiental. Na análise foi possível perceber, entre outras observações, que o discurso ambiental que orienta a poesia da Amazônia opta pelos oprimidos da/na floresta. É um discurso, antes de tudo, revolucionário, pois denuncia e anuncia. Em torno desse discurso também habita a verdade da grandiosidade que a Amazônia representa para o mundo. São números esplendorosos e são belezas inesgotáveis que habitam numa única região.

ENVIRONMENTAL DISCOURSE IN AMAZONIA POETRY

ABSTRACT:

This paper presents a study of basic descriptive literary analysis that aims to discuss the presence of an environmental discourse in poetic Amazon. The poems used are Eliakin Rufino, Thiago de Mello, Bishop Manuel Correa, Carla Noble and Aracy Mont'Alverne; Quinan and Marcos Siqueira Juraci. The research is based on the voices of Bachelard (1988), Moses (1993), Boff (1999) and Loureiro (1995). Search environmental discourse in an area that operates in the imagination of people-literature-is extremely important so that one can envision scenarios to reinvent our discourse on sustainability and environmental awareness. In the analysis it was revealed, among other observations, that the environmental discourse that guides poetry Amazon opts for the oppressed / forest. It is a speech, first of all, revolutionary, and announces it denounces. Around this discourse also dwells the truth of the greatness that Amazon poses to the world. These numbers are splendid and inexhaustible beauties inhabiting a single region.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Poesia da Amazônia. Ambiente

1. POESIA DA AMAZÔNIA

A poesia da Amazônia possibilita um olhar que nasce no local e atinge uma dimensão universal, onde os temas explorados são das mais variadas ordens, mas são

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

inegáveis as metáforas que nascem da relação entre as pessoas e as simbologias ricas e diversas da Amazônia, região que atrai para si lendas, mitos, personagens, perigos e contemplações, que são constantemente revisitados pelos poetas em geral e, evidentemente, os que vivem por essas terras, não poupam palavras para ela e suas surpreendentes aventuras e inúmeros desafios.

É certo que esse local entremeado de significados e vivências do universal traz em si, múltiplos olhares, formando um caleidoscópio de conceitos e discursos. Entre eles, é inegável a presença do discurso ambiental, que chega impregnado de sentido e da realidade circundante do/da poeta e, por isso, carrega em si uma carga de sentimentos de anúncio e denúncia que devem ecoar para a sociedade.

2. OS POETAS E SUAS MANIFESTAÇÕES

2.1 ELIAKIN RUFINO EM IRMÃO DO UNIVERSO E O SONHO DO XAMÃ

Eliakin Rufino é poeta de Roraima e em seu poema “Irmão do universo”, o homem se faz um deus onisciente, mas que não domina e sim CON-VIVE, onde “todos são irmãos”. Ao afirmar que “sabe a linguagem dos botos”, ratifica o diálogo, onde se fala e escuta, apontando para uma relação de respeito, condições imprescindíveis para estabelecer uma nova forma de relação pessoa-ambiente, onde

Há, no mundo amazônico, a produção de uma verdadeira teogonia cotidiana. Revelando uma afetividade cósmica, o homem promove a conversão estetizante da realidade em signos, através dos labores do dia-a-dia, do diálogo com as marés, do companheirismo com as estrelas, da solidariedade dos ventos que impulsionam as velas, da paciente amizade dos rios... (LOUREIRO, 1995, p. 63)

Nesse contexto, é possível compreender também a língua, que sempre foi uma forma de poder, com o dom da oratória um motivo de orgulho, sendo nessa poética do meio ambiente mais forma de interligação, de criação de teogonia dos elementos que compõem a natureza, sendo o ser humano, um deles

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Ou seja, quem sabe se comunicar, tem nas mãos um dom. Esse dom chega em “Irmão do universo” de forma a estabelecer uma real possibilidade de comunicação. Floresta e pessoa se entendem e trocam ideias, inclusive ouvindo até mesmo “*o idioma dos grãos*”, ou seja, todos tem o direito de se manifestar, não há um se sobrepondo ao outro, do ser mais ínfimo que existe –grão, ao ser que passeia e estabelece relações com os outros. E quando o eu-lírico, afirma: “*sou irmão do universo/ sou uma parte dele*” se coloca como “*uma parte do universo*”, aceita sua condição de ser ínfimo e que depende de outros.

Já no poema “O sonho do xamã”, vemos claramente duas vozes marcadas: a do xamã e a do poeta-narrador, que denuncia e profetiza. Porém, essas duas vozes trazem, em si, outras vozes ainda: a da ciência e a da sociedade em geral, que não escutam e não entendem a natureza e seus pedidos de socorro.

A voz do xamã no poema, nos revela a preocupação do poeta em trazer para o discurso um personagem que tem sido esquecido e carrega em si a simbologia dos ensinamentos dos povos da floresta. É uma figura que personifica toda a preocupação com a vida e também a ligação dos índios com a natureza. Inclusive, o poema já indica isso quando diz que o xamã profetizou a desgraça antes que a ciência pudesse percebê-la já ocorrendo: “*muito tempo depois deste sonho/ a ciência pode então descobrir*”.

Assim, o poeta deixa claro, que a ciência está atrasada em relação ao simbólico e ao imaginário. O princípio da alteridade se mostra no poema, como um alerta para que possamos exercitar o convívio e o diálogo. O poeta aponta para isso quando diz que “*o xamã resolveu avisar*”. Ou seja, o xamã sai dos domínios da aldeia e profetiza, chama, não só o seu povo, mas a sociedade.

Ao trazer a figura do xamã e a do poeta-narrador, dialogando, revela-se também que a alteridade do índio e a do não índio não se afastam, mas congregam-se para superar os erros e vislumbrar uma nova e mais bela realidade, pois é ainda na voz do poeta que fica claro uma denúncia de descaso sobre o aviso do xamã: “*pouca gente tentou entender*”. O princípio da alteridade age, portanto, na literatura, como elo que permite o diálogo entre culturas e a não negação ou dominação de uma sobre a outra.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

O poeta assume, ao final, o erro da sociedade, mas deixa claro a que grupo sua voz pertence, indicando que mais uma vez a alteridade se faz presente, como uma forma de esperança, para o convívio e para o zelo com a natureza: “*o meu sonho é que nada aconteça*” e mais que isso transparece o seu respeito pelo convívio dos diferentes “*que o xamã não desapareça*” e, portanto, por uma realidade nova: “*que o sonho não seja real*”.

Por fim, o poema, apesar de evocar no título uma individuação do sujeito – o sonho é do xamã – desenvolve nos versos uma proposta de sentimento de solidariedade e respeito, trazendo, inclusive, no final, o sonho do poeta-narrador, que já não é mais uma descrição, como inicialmente o do xamã, mas um desejo utópico, que congrega a alteridade do xamã, do poeta-narrador e da sociedade.

2.2 ARACY MONT’ALVERNE EM MISTÉRIOS DA AMAZÔNIA

O início do poema já nos remete ao tom respeitoso do eu-lírico para com a Floresta: “*Silêncio nas matas!/ Farfalham os ventos/ Nas folhas gigantes.../ Parecem sussurros/ Contando mistérios*”. É, por si só, uma ordem para que seja dada atenção aos sons da Floresta.

A perspicácia da poeta em unir mistérios e Amazônia no título do poema, demonstra o quanto elementos já tão comuns como a pororoca ou a onça pintada, mexem com o imaginário popular e continuam se mantendo “*segredos estranhos*”, que mais do que desvendados, querem ser respeitados.

Já nos seguintes versos, “*É a moça tristonha/ Que não tem amores./ É o boto atrevido,/ Pulando, saltando, Beirando a canoa!*” a poeta mistura solidão e promessa de amor, em dois personagens típicos da Amazônia: o boto e a virgem.

O boto é apresentado como conquistador, ainda que na forma de animal, ele encanta a donzela com a faceirice e a alegria típica do personagem lendário. Ele pula, salta e espreita a virgem, para submetê-la a seus encantos.

As estrofes seguem, apresentando um painel da diversidade da Floresta, onde a relação Floresta - ser humano se faz numa teia de relações e não em um movimento

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

unilateral. É simbólica a estrofe em que a poeta afirma que nas folhas do tambatajá se guarda o segredo de cada um. Ou seja, a Floresta, também cuida de nós. Boff afirma que “Se há o infinitamente pequeno e o infinitamente grande, há também o infinitamente complexo. Estamos no seio do fenômeno da vida” (1999, p. 83).

Aqui vale a pena destacar a figura da pororoca, que mais adiante é chamada pela poeta para não deixar de fora de sua lista, um elemento tão marcante e tão presente na Amazônia: a água. Em mistérios da Amazônia, ela é referenciada por sua violência e com um certo tom corajoso de quem domina seu próprio caminho.

Nos versos onde se apresenta a montaria, meio de transporte muito comum na Amazônia, temos o olhar poético mais uma vez instaurado na relação pessoa-natureza, onde a grandiosidade da Floresta acolhe a infância e aponta para o aprendizado que começa desde cedo e segue vida afora em todos os momentos. A Floresta é o lugar onde se vive, se come, se luta pela sobrevivência, se sonha e onde a montaria “*só leva um menino/ pra pilotar*”.

Ainda sobre essas estrofes, destacamos a metáfora “*imenso rio – mar*”, que traduz o sentimento amazônida de reconhecimento da grandiosidade do rio Amazonas.

A finalização do poema encerra a perpetuação do mistério e ratifica a diversidade tão propagada dessa região do Brasil, dizendo que toda a exuberância “*veste o gigante de nome Brasil*”, talvez numa tentativa de proteção e cuidado, talvez num grito de alerta.

2.3 CARLA NOBRE EM AÜSUB (SAISU DO TUPI AMAR - I)

Em Aüsub, vemos uma relação de afetividade, onde o eu-lírico assume seu desconhecimento: “*visitas que nunca feitas/ bebidas nunca provadas*”, mas também assume seu pertencimento ao universo da Floresta e suas simbologias.

O poema chega através de uma lista, relacionada a palavra “amar”, semântica perfeita para designar o respeito do eu-lírico por seu povo e suas coisas, como Ycatu, Ubarana, Paracatu, Murici, Anhanguera, Abeporá, Ipu, Iara, entre outros; onde Turé é

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

mais que dança, mas representa os dias do festejo e da alegria. Waiãpi é mais que um povo, é gente vinda da música. Festa e alegria novamente.

As águas são apresentadas, dessa vez na origem de alguns de seus significados, trazendo a figura de uma senhora que as domina.

2.4 MARCOS QUINAN EM CANTO DA CHUVA

É certo que as águas constituem uma das simbologias mais fortes que se pode sentir na Amazônia. As marés regulam a vida das pessoas e não é sem importância que ela vem sendo referenciada, de uma forma ou de outra, em todos os poemas até agora. Neste poema de Quinan, temos mais uma bela característica da água: a abundância. A Amazônia é marcada pela presença da água e essa imagem enche os olhos de todos.

As chuvas são uma presença constante que ocorrem no inverno e no verão. O eu-lírico do “Canto da Chuva” traz a visão criadora das águas, onde ela é mãe e mais do que aceitar sua missão, afirma que “*gosto mesmo de dar de beber/ de embriagar*”. Mas deixa claro que pode ser devastadora “*acarício e desalinho*”, numa mostra que está pronta para agir, se for necessário. Isso aponta para o sentido sempre alerta da Floresta.

2.5 JURACI SIQUEIRA EM ARTE POÉTICA

Esse poeta paraense traduz em “Arte poética”, uma simbiose pessoa-natureza, num poema filosófico, em que a natureza ensina e acolhe o seu aprendiz: “*Estou aprendendo/ tomando aulas/ aprimorando o canto*”. Bachelard afirma que “... O devaneio poético nos dá o mundo dos mundos. O devaneio poético é um devaneio cósmico. É uma abertura para um mundo belo, para mundos belos” (1988, p. 13). Neste poema, o mundo belo e sonhado, é vivido pelo “*pássaro pleno*”, que se aventura pela Floresta, sua mestra, em “*nados abissais e voos rasantes*”, mostrando que já não teme os abismos, nem os obstáculos.

Resta ainda em “Arte poética” apontar a relação verdadeira e transparente do eu-lírico com a Floresta, pois se algo soava falso, sofismável com esse ser híbrido que se construía aos poucos numa relação de ensino-aprendizagem, a plenitude do ser se

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

caracteriza também pela sua verdade, pela mostra de sua verdadeira identidade: peixe-pássaro-humano.

2.6 THIAGO DE MELLO EM COMO UM RIO

Carregado de sentimento de esperança, o rio se torna metáfora do recomeço, da mudança e da coragem, capaz de superar desafios, como o peso da canoa, a mágoa e a distância neste poema de Thiago de Mello.

Outra temática bastante difundida no poeta amazonense é retomada na estrofe abaixo: o encontro, a partilha. Thiago de Mello canta as lutas do ser humano e faz do rio, o companheiro que ensina a con-viver, a caminhar junto, ainda que diferentes, ainda que distantes, reconhecendo-se como um conjunto: *“Junto com outros sendo/ E noutros se prolongando/ E construir o encontro/ Com as águas grandes/ Do oceano sem fim.”*

A finalização do poema fortalece a opção filosófica da mudança. Se antes foi necessário esperar e reter a sua natureza: *“Se tempo é de descer/ Reter o dom da força/ Sem deixar de seguir/ E até mesmo sumir;”* há o momento de se deixar ser e mostrar a sua verdade.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, finalizamos a discussão em torno desses poemas confirmando também sua literariedade, pois paralelo as reflexões pertinentes e relevantes que apresentam, tem-se também poemas construídos valorizando o estético da criação literária e que apresentam metáforas instigantes e que falam das relações mantidas com a Floresta. Sobre isso Moisés afirma que deve “entender-se o poema como uma constelação de metáforas, ou antes, uma polimetáfora” (2003, p. 88-89). Esclarecendo mais adiante que essa metáfora deve falar, ao mesmo tempo, à inteligência e à sensibilidade.

A poesia da Amazônia, portanto, também cumpre seu papel social em que delineia a forma de viver e encarar a vida dos povos da floresta. O eu - lírico dessa arte se faz caboclo, ribeirinho, fauna, flora, pajé, índio, rio... enfim, tenta se tornar mais íntimo da sua localidade através da palavra.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

O discurso ambiental que orienta a poesia opta pelos oprimidos da/na floresta. É um discurso, antes de tudo, revolucionário, pois denuncia e anuncia. Essa opção é fruto das relações que o eu - lírico dos poetas estabelecem com a Mãe Terra, numa profusão de respeito e co-responsabilidade. Há claramente a verdade da convivência e os alertas que emergem de quem convive e conhece a Floresta e seus problemas e desafios.

Em torno desse discurso também habita a verdade da grandiosidade que a Amazônia representa para o mundo. São números esplendorosos e são belezas inesgotáveis que habitam numa única região. A poesia não pode nem quer esconder essa grandeza e essa beleza.

Optar pelo oprimido não significa adotar um discurso cabisbaixo, tampouco pessimista. Habita-se a floresta, com ela se aprende e se ensina. A opção pelo oprimido também significa contar a alegria de se viver – conviver com a floresta.

Ou seja, reconhecer o papel interventor e social da poesia da Amazônia na sociedade, especialmente no que concerne ao ambiente em que vivemos é também compreender um pouco melhor como nos relacionarmos com/sobre/no ambiente, buscando a sustentabilidade e os valores sócio-ambientais, numa sociedade do lucro e da posse.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. A poética do devaneio. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
BOFF, Leonardo. ECOLOGIA grito da terra, grito dos pobres. São Paulo: Ática, 1999
LOUREIRO, João de Jesus Paes. Cultura Amazônica – Uma poética do imaginário. Belém: CEJUP, 1995
MOISES, Massaud. A criação literária: poesia. 16ª ed. São Paulo: Cultrix, 2003

ⁱ (Especialista, Brasil)
E-mail: carlapoesia@hotmail.com